



Artigo

Ensino-Aprendizagem por meio de Vivências com Povos Indígenas

Teaching and Learning through Experiences with Indigenous Peoples

Enseñanza-Aprendizaje a través de Experiencias con Pueblos Indígenas

Enseigner-Apprendre à travers des Expériences avec les Peuples Indigènes

J

orge Machado¹, Maíra Teixeira de Ataíde² e Carlos Henrique Ferreira³

¹ Graduado em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil, especialista em de Estudos Avançados em Políticas Públicas e doutorado em Sociologia pela Universidade de Granada, Granada, Espanha, e pós-doutorado junto ao Departamento de Ciência Política da Universidade de Campinas, Campinas, SP, Brasil. É Professor-associado da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil, sendo docente e orientador no Programa de Pós-Graduação em Participação Política e Mudança Social e do Bacharelado em Gestão de Políticas Públicas. É um dos coordenadores do Co-Laboratório de Desenvolvimento e Participação da Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.

E-mail: machado@usp.br

² Graduanda em Gestão Ambiental na Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.

E-mail: maira.ataide@usp.br

³ Psicólogo graduado pelo Centro Universitário Paulistano, São Paulo, SP, Brasil. Mestre e doutorando no Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.

E-mail: carlos.henrique.ferreira@usp.br

Resumo

Este texto aporta uma experiência de docência e extensão que se desenvolve há 6 anos e que tem se mostrado exitosa, envolvendo aprendizado teórico e prático, culminando com vivência imersiva em território indígena Guarani Aldeia Rio Silveiras. Fazemos aqui uma análise da abordagem didática da disciplina que combina aprendizagem em sala de aula, com convidados indígenas e docentes afeitos à temática, componentes da etapa preparatória ao campo; e metodologia de aprendizagem ativa, destinada a atividade prática de execução de projetos na aldeia durante a vivência. O objetivo final é o aprendizado e a sensibilização do participante e o despertar da consciência crítica a respeito da diversidade cultural e dos saberes ancestrais, explorando aspectos emocionais e de profundos aprendizados através do convívio dentro do modo de vida guarani (Nhanderekó).

Palavras-Chave: Ensino-Aprendizagem; Povos indígenas; Experiências; Educação Superior; Formação em Políticas Públicas.

Abstract

This text reports an experience of teaching and extension that has been developing for 6 years and that has proved to be successful, involving theoretical and practical learning, culminating in immersive experience in the Guarani Aldeia Rio Silveiras indigenous territory. We analyze here the didactic approach of the discipline that combines learning in the classroom, with indigenous guests and teachers related to the theme, components of the preparatory stage to the field; and active learning methodology, aimed at the practical activity of carrying out projects in the village during the experience. The ultimate goal is the learning and awareness of the participant and the awakening of critical awareness regarding cultural diversity and ancestral knowledge, exploring emotional aspects and deep learning through living together in the Guarani way of life (Nhanderekó).

Keywords: Teaching-Learning; Indigenous People; Experiences; Higher Education; Public Policy Training.

Resumen

Este texto relata una experiencia de docencia y extensión que se viene desarrollando desde hace 6 años y que ha demostrado ser exitosa, involucrando aprendizajes teóricos y prácticos, culminando en una experiencia inmersiva en el territorio indígena guaraní Aldeia Río Silveiras. Analizamos aquí el enfoque didáctico de la disciplina que combina el aprendizaje en el aula, con invitados y docentes indígenas dedicados al tema, componentes de la etapa preparatoria al campo; y metodología de aprendizaje activo, orientada a la actividad práctica de realizar proyectos en el pueblo durante la experiencia. El objetivo final es la sensibilización el aprendizaje y la conciencia del participante y el despertar de una conciencia crítica sobre la diversidad cultural y los saberes ancestrales,

explorando aspectos emocionales y aprendizajes profundos a través de la convivencia en el modo de vida guaraní (Nhanderekó). del participante y el despertar de una conciencia crítica sobre la diversidad cultural y los saberes ancestrales, explorando aspectos emocionales y aprendizajes profundos a través de la convivencia en el modo de vida guaraní (Nhanderekó).

Palabras Clave: Enseñanza-Aprendizaje; Indígenas; Experiencias; Educación Superior; Formación en Políticas Públicas.

Resumé

Ce texte rapporte une expérience d'enseignement et de vulgarisation qui se développe depuis 6 ans et qui s'est avérée fructueuse, impliquant un apprentissage théorique et pratique, aboutissant à une expérience immersive dans le territoire indigène Guarani Aldeia Rio Silveiras. Nous analysons ici l'approche didactique de la discipline qui combine l'apprentissage en classe, avec des invités et des professeurs autochtones dédiés au thème, composantes de la phase préparatoire au terrain; et une méthodologie d'apprentissage actif, visant l'activité pratique de réalisation de projets dans le village pendant l'expérience. Le but ultime est l'apprentissage et la prise de conscience du participant et l'éveil d'une conscience critique concernant la diversité culturelle et les connaissances ancestrales, l'exploration des aspects émotionnels et l'apprentissage profond en vivant ensemble selon le mode de vie guarani (Nhanderekó).

Mots-clés: Enseignement-Apprentissage; Indigenes; Experiences; Enseignement Supérieur; Formation en Politiques Publiques.

Introdução

O objetivo deste texto é compartilhar os aprendizados após seis anos de experiência na realização de vivências em territórios indígenas junto a estudantes e pesquisadores universitários (Graduação, Mestrado e Doutorado), em um processo de ensino-aprendizagem, acompanhado por atividades de extensão, que rompe com os padrões tradicionais e que cumpre o papel social da universidade pública.

Desde 2015, são oferecidas vivências semestrais dentro do território indígena Guarani Rio Silveiras, onde passamos três dias acampados, participando das atividades junto à comunidade e organizando diversas dinâmicas de interesse dos aldeados. As viagens são precedidas de uma preparação, que incluem aulas de temas relacionados com ciências sociais, ambientais, história e política, protagonismo indígena (palestras e rodas de conversa ministradas por lideranças e representantes da luta dos povos originários) e preparo de projetos a serem executados na aldeia, desenhados de acordo com as possibilidades do corpo discente de modo que respondam às necessidades expressas pela comunidade. Oficinas de brincadeiras, contação de histórias, gincanas, bioconstrução, plantio de mudas, formação de biblioteca na Escola, gestão de resíduos, são apenas alguns exemplos do que foi desenvolvido junto à comunidade e em parceria com a AUPI - Aliança Universidade e os Povos Indígenas.

A iniciativa ocorre no âmbito da disciplina Sociedades Complexas, Multiculturalismo e Direitos (SMD), do Ciclo Básico da Escola de Ciências e Humanidades da USP e de disciplina optativa livre de último ano do curso Gestão de Políticas Públicas, oferecida no semestre subsequente, apelidada de SMD 2 e aberta a todos estudantes da universidade, na qual são aprofundados os conhecimentos apropriados na primeira.

1. Proposta Pedagógica

A proposta pedagógica da disciplina, bem como da vivência, tem como premissa a promoção de metodologias ativas de aprendizado, caracterizadas pelo engajamento prático do aluno, organizados em grupos. Para isso, são combinadas as metodologias de observação-participante e aprendizado baseado em problemas (*Problem-Based Learning*, em inglês). Ao invés de buscar simplesmente transmitir conhecimento, o ensino é organizado para fazer com que o próprio indivíduo seja protagonista do seu aprendizado, cujo conteúdo deve dialogar com o seu universo simbólico e valores.

A estrutura da disciplina fomenta a aplicação do conhecimento teórico sobre a realidade concreta, mobilizando conhecimentos, ações e afetividades – que envolvem o reconhecimento do “outro” e o respeito à diversidade – que permeiam a formação de valores subjetivos do indivíduo (Machado & Ferreira, 2016). Além de encontros preparatórios em que se esclarecem os aspectos sociais e políticos, são realizadas rodas de conversas com a presença de lideranças indígenas de diferentes regiões do Brasil, uma visita à aldeia Guarani Jaraguá, localizada no município de São Paulo e acessível por ônibus urbano, e aulas com professores convidados de áreas diversas que dialogam com a questão indígena.

A interdisciplinaridade e a abertura da ciência à iminência de uma controvérsia maior, às descrições da realidade provenientes dos saberes e epistemologias dos povos originários, revelam que as práticas dialógicas de conhecimento são, também, práticas de construção de novos mundos, como proposto por Isabelle Stengers (2018), pois partem de um domínio ontológico não eurocentrado para elaborar novos retratos do visível.

Chamamos as aulas de encontros, recebendo convidados em grandes rodas. Nesses encontros, cada um levava algo de comer ou beber para compartilhar. A ideia era criar um clima humanizado, descontraído e convidativo para a livre-expressão. O aprendizado é mais efetivo quando há envolvimento emocional, despertando motivação, presença e interesse. Tratamos de analisar a realidade objetiva, compreendendo a história sem cair na armadilha conteudista. Evitamos a todo custo as trocas mecânicas, a inconsciência e a presença de corpos ausentes de espírito em sala de aula. Emocionamos-nos com as narrativas indígenas, rimos com piadas, rastejamos no chão com as dinâmicas da evolução da vida na Terra¹, realizadas com a Professora Maria Elena Malachias (Ciências da Natureza/USP, coordenadora do Grupo de Pesquisa em Ensino de Ciências e Biologia do Conhecimento - GPEnCiBiC) e dançamos com os indígenas Kariri-Xocó e com os Fulni-ôs. Foram momentos de amadurecimento intelectual, de afetividades coletivas e de resistência, ideais para os tempos em que a mediocridade e o obscurantismo desafiam o pensamento crítico.



Figura 1 - Roda de conversa entre os alunos e as etnias Kariri-Xocó e os Fulni-ôs. Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH/USP). São Paulo/BR. 2019.

¹ A professora realiza uma meditação guiada que leva a uma experiência intensa de reflexão sobre a origem e a evolução da vida na Terra, exercitando a cognição e os sentidos dos alunos para retrocederem à escala de vida unicelular.

Quadro 1 - Cronograma resumido da disciplina / preparação para a viagem – Sem 2/2019

Encontro	Atividades de formação teórica, expositivas-dialógicas (4 horas-aula por encontro)*
1	Apresentação do professor e aluna/os, apresentação do programa/literatura.
2	Qual cultura é a referência? Etnocentrismo e relativismo cultural. Debate com base em textos. Roda para definição de grupos temáticos para projetos na aldeia.
3	Roda de conversa com juiz e prof. André A. Bezerra sobre direitos dos povos indígenas.
4	Apresentação e roda de conversa com índios Kariri-xocó e com os Fulni-ôs.
5	“Evolução, Ecologia Humana e Etnobiologia”, aula com Profa. Cristina Adams (Gestão Ambiental), doutorandos em paleoarqueologia Thiago Kater e Rafael Lopes. Reunião dos grupos formados para atuação na aldeia.
6	Visita ao Território Indígena Jaraguá, em São Paulo. (sábado)
7	Encontro de Saberes dos Povos Originários Tikuna, Huni Kuin, Kaimbé, Xokleng
8	Seminário “Terras Indígenas e a luta dos Povos Nativos no governo atual”, com Chirley Pankará, Alejandro (Indigenista do CIMI), Patricia Rodrigues Pagu (indígena e socióloga). Debate com discentes. Reunião dos grupos.
9	Professora convidada: Maria Elena Malachías. Reunião dos grupos.
10	A construção social milenar nas paisagens pelos povos indígenas da Amazônia, palestra de Eduardo Góes Neves (MAE/USP). Preparação para a vivência.
11	15 a 17 de novembro - Viagem de Campo - Vivência
12	Encaminhamentos finais e avaliação e celebração.

* Parte da segunda metade dos encontros era reservada para a articulação e preparação dos grupos.

2. A Vivência

O principal componente prático da disciplina é a viagem até a Aldeia Guarani Rio Silveiras, em Bertioxa, onde são desenvolvidas as atividades pelos alunos e alunas e também dos indígenas junto ao grupo, ao qual chamamos de *vivência*. Esta se constitui a partir de uma imersão no território indígena, guiados pelo cacique e o pajé do núcleo principal da aldeia (são seis núcleos). Nesta proposta pedagógica ocorre o rompimento com o paradigma estabelecido do indígena apenas como objeto e não como sujeito na mediação do conhecimento. As aulas na aldeia são ministradas pelo cacique e o pajé, em grandes rodas dentro da *Opy* (“casa de reza”). Em contraste com os métodos pedagógicos tradicionais, a visita de campo proporciona uma prática sensorial, orgânica e mesmo lúdica.



Figura 2 - Primeira turma a fazer vivência indígena. Território Indígena do Rio Silveira, Bertioga, São Paulo/BR. 2015.

Cada ano há um tema-mestre que vai guiar as atividades na aldeia. Em 2019, a organização da disciplina fez uma abordagem interdisciplinar da segurança alimentar indígena, promovendo o debate acerca dos hábitos alimentares ocidentais (Mello-Théry, 2018) contemporâneos e seus impactos sobre a alimentação tradicional e na saúde indígena. Cabe dizer que cerca de metade do tempo são oferecidas atividades na aldeia, a outra metade consiste na participação de atividades, eventos e rezas da comunidade indígena.

A universidade apoia com o veículo e um pequeno valor para as diárias dos estudantes e docentes. Levamos o próprio alimento para ser preparado no local, pagamos cozinheiras, guias, parte da alimentação produzida pela própria aldeia e deixamos todos os recursos com a própria comunidade, inclusive doações (como roupas, livros, brinquedos e equipamentos).

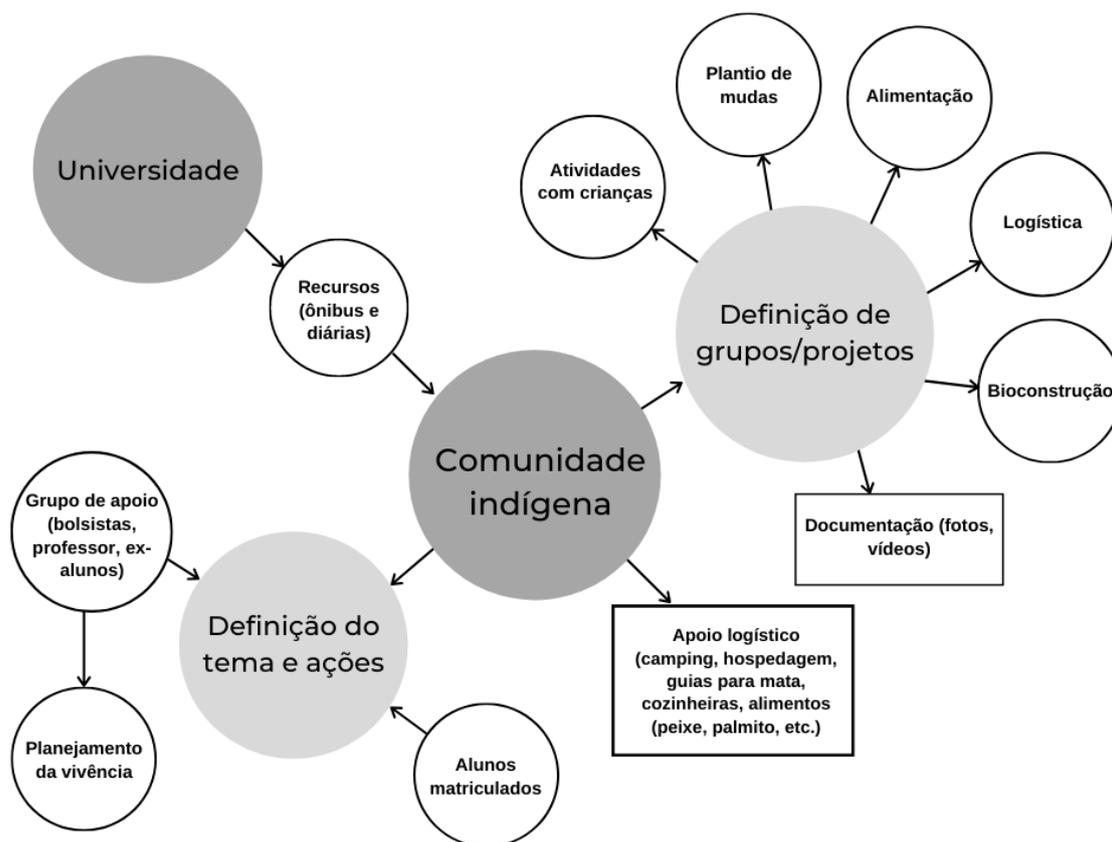


Figura 3 - Esquema de preparação das vivências²
Fonte: elaborado pelos autores.

O cenário encontrado na aldeia, cercada pela harmonia e paz de uma natureza exuberante da Mata Atlântica é completamente diferente do ambiente individualista, apressado, cinzento e carrancudo de São Paulo. O corpo discente é dividido em grupos, que precisam colaborar entre si e ajudar nas atividades de logística (como montar barraca e equipamentos), alimentação e preparação das oficinas. O clima é sempre de descontração, onde o aprendizado ocorre de forma orgânica através da *ação vivida*. Busca-se despertar ao mesmo tempo a consciência, a curiosidade, a observação, o entusiasmo e o pensamento crítico. Abandona-se a pressa, o medo e os automatismos para dar lugar à presença e à consciência do que se está vivendo a cada instante. Pode-se afirmar que a atividade prática é a experimentação do tempo da vivência com o maior grau de proximidade afetiva possível, pela qual foram possíveis reflexões sobre modo de vida na sociedade contemporânea, onde as relações são visceralmente capitalistas e competitivas (Silva, 2018; Batista e Cols., 2019; Caetano, 2019), sobre as opressões de ordem histórica sofridas pelos povos originários e sobre a emergência de revoluções

2 Os projetos que levamos à aldeia podem variar a cada ano, no diagrama demos apresentamos exemplos com os mais frequentes.

estruturais nas epistemologias, na relação com o meio ambiente e nas dinâmicas econômicas que permeiam as relações sociais e a cultura (Machado, 2016; Mello-Théry, 2011), olhando para o modo de vida Guarani como modelo quando se fala de bem estar coletivo e de integração com a natureza.



Figura 4 - Roda de conversa entre os alunos e o Cacique durante a vivência indígena. Território Indígena do Rio Silveira, Bertioga, São Paulo/BR. 2019.

Além da mediação de conhecimentos teóricos, a disciplina tenta quebrar com rigidez os processos educativos fazendo com que o próprio indivíduo seja guia do seu próprio aprendizado. Este aprendizado se dá pelas mais variadas formas, nas conversas, na roda com as lideranças da aldeia, nas rezas conduzidas pelo pajé, na dança, na música, nos passeios e trilhas na mata, nas refeições coletivas, nas histórias na beira da fogueira, entre as pitadas de cachimbo, as rodas de rapé, nas novas amizades e descobertas. Isso só é possível através de um ambiente com profundo respeito, de disposição em se aprender com o outro.

Na aldeia não importa o relógio, as coisas acontecem quando têm que acontecer. Acorda-se aos poucos com o sol, almoça quando chega a hora da fome, ao escurecer todos vão entrando aos poucos na casa de reza, onde está a dança, a música e a cura para os males do espírito. Não há pressa, vive-se cada momento. Se calhar a lua certa, vai-se pescar à noite, se o tempo está bom, dá para ir na cachoeira, nadar no rio. Se o céu é límpido, pode-se explorar os interiores do território, onde o rio é mais caudaloso e a mata é mais densa. Há também uma praia linda e extensa (Praia de Boracéia/Bertioga), bem próxima ao limite do território indígena.

Para o estudante, acostumado com a pressa do dia-a-dia, viver numa comunidade onde o relógio é inútil e não há “programação” fixa, pode representar no início um caos irritante, deixá-lo perdido e ansioso. Os smartphones, antes fontes de distração e possível alienação, acabam sendo deixados de lado devido a baixa oferta de tomadas e o sinal ruim na maior parte do território. A internet e as redes sociais, que compensam a indiferença e o anonimato em meio à multidão da cidade grande não se fazem necessárias num ambiente onde todos importam, onde há afeto e atenção.

Se por um lado, não há luxo e o consumo é pouco, por outro os participantes percebem que na aldeia não há preocupações com dinheiro, dívidas à pagar, stress, violência, medo de abandono, etc. Tornam-se capazes de concentrarem-se no momento, nas relações, nos ciclos da natureza, no bem-viver do modo de vida Guarani (*Nhanderekó*)³. O maior problema dos indígenas, como pudemos constatar, vem dos não-indígenas, com as constantes ameaças de invasões, a caça ilegal, o extrativismo, a especulação imobiliária, o álcool e as drogas trazidas de fora, tudo isso somado aos missionários evangélicos. Para os guaranis, o mais importante para a manutenção do *Nhanderekó* é a integridade territorial. Enfim, a ameaça vem de nós, os *juruaís* (não-indígenas).

3. Razão e Emoção para um Aprendizado Holístico

Enquanto os modelos educacionais investem na supressão do sujeito-aluno em sua complexidade emotiva e criativa, reduzindo-o a um ser mental e lógico, reproduzindo conhecimentos “legitimados”, nossa proposta pedagógica valoriza o ser humano em seu sentido holístico e conectado à natureza, enquanto filha ou filho da Mãe Terra. Essa quebra de paradigma culmina com o êxtase da Casa de Reza, lágrimas, crises de choro, num processo de libertação e reconexão. É o modo de vida indígena, a simplicidade em tudo, o onde “se um come todos comem”, o trato solidário com os parentes (índios de outras etnias, que são prontamente recebidos, como viajantes ou mesmo moradores), a recepção calorosa a nós *Juruás* (não-índios), o falar baixo e humor são coisas que cativam a todos.

3 Felizmente, o território de quase mil hectares da reserva Rio Silveiras, se respeitado, garantirá às gerações futuras a manutenção da cultura e do modo de vida tradicional.



**Figura 5. Reza Guarani dentro da Opy (casa de reza).
Território Indígena do Rio Silveira, Bertioga, São Paulo/BR. 2018.**

A proposta pedagógica rompe com a dicotomia clássica entre a razão e a emoção, fazendo de ambas as partes uma unidade. Através da emoção sentimos o ecoar dos ancestrais no canto dos indígenas, os encantamentos da natureza através das suas geometrias, sons e aromas, pelo sentir rompem-se as barreiras do tempo-espaço e da própria racionalidade eurocêntrica⁴. Através daquilo que a emoção nos permite acessar, qualificamos a razão e nos sentimos mais esclarecidos com relação aos nossos propósitos, as situações de vida e dos aprendizados que se apresentam. O ritual do pajé na *Opy* ocorre todas as noites, sendo o ponto alto do dia. É onde colocamos em cheque nossa racionalidade e os nossos valores. O transe do pajé, o canto simétrico das indígenas, a fumaça dos cachimbos, o som das maracás, pés descalços, mãos dadas, todos como filhos da terra. Sem entender uma palavra, sem poder racionalizar, estudantes se emocionam, choram, como se lembrassem de algo importante. Aquele ambiente simples da aldeia, com gente descalça - para muitos apenas “pobres” -, se transforma num espaço de nobreza, de pureza. O pajé defuma os alunos e alunas, cospe, chega a vomitar. A

4 Para saber mais sobre a concepção do tempo entre indígenas ver Machado (2012).

música não pára. Todos dançam para curar. Se curam da depressão, do medo, da ansiedade e das sombras trazidas da cidade. No final, abraços, agradecimentos, alívio e mais choro.

4. “Isso que é Socialismo, Professor?!”

Essa foi tanta uma pergunta como uma afirmação repetida várias vezes por alunos. “Não, não é socialismo e aqui sequer existe Estado”. Como qualificar dentro das narrativas colonizadoras eurocêntricas (Machado & Nascimento, 2018), o modo de vida indígena? *Nhanderekó* e o *teko porã* (guarani), *sumak kawsay* (quechua), *Suma Qamaña* (aymara) são alguns nomes de diferentes tradições para um modo de vida em harmonia e integração com a natureza e a comunidade. Simplesmente não cabe em nossa régua.



Figura 6. Roda de música e de contação de história entre alunos e indígenas. Território Indígena do Rio Silveira, Bertoga, São Paulo/BR. 2015.

É um aprendizado real e vívido sobre outras formas de ser humano. Uma forma de vida não-capitalista, mas que não se define como anti qualquer coisa. O que importa na experiência pedagógica é tirar as coisas do lugar através de uma transformação no nível individual e subjetivo que cada um irá processar a sua maneira, sem dogmas e idealizações. O que se pode afirmar é que esse modo de vida desestabiliza o pensamento eurocêntrico, racista, elitista inculcado em cada um de nós pela educação, pela família e pela mídia (Batista e cols, 2019; Caetano, 2019). O consumismo, o individualismo, o superficialismo e a competição egóica se tornam anões morais face à grandeza do conhecimento nativo e ancestral e o seu respeito ao planeta e suas formas de vida. O suposto “primitivo” surge como um guardião da terra, alguém que nos lembra de onde viemos e que alerta o erro do caminho que tomamos. O canto das mulheres é o canto da Terra, que se expressa ao fundo, em meio as suas vozes, pedindo cura e chamando seus filhos. A modesta casa de reza se converte em um palácio espiritual. E o pajé, por sua humildade e simplicidade, parece um ser encantado.

Depois da casa de reza, alguns querem pitar cachimbo, querem rapé. Querem aprofundar a cura. Alguns perguntam ao professor: “eles tomam *ayahuasca*?” A resposta é direta, “pergunte pra eles”. Não era da tradição guarani, mas a conheceram e dominaram o seu potencial de cura (Rose & Langdon, 2010). Mas o povo da cidade está doente, desenraizado, sabe que precisa cura.

Razão e emoção formam assim uma unidade no âmbito das relações de ensino-aprendizagem. Sendo mais holística, a proposta pedagógica possibilita a transformação da subjetividade pela ampliação da consciência. A estrutura e a metodologia da disciplina visam questionar paradigmas, romper preconceitos, possibilitando aos alunos e alunas o conhecimento de uma outra forma de ser humano, de viver em sociedade e, ao mesmo tempo, integrado com a natureza. Ao quebrar automatismos e condicionamentos, paradigmas também são derrubados, novas estruturas mentais e cognitivas são formadas. Elementos básicos constituintes da vida social, como trabalho, sucesso, bem-estar, convívio social, consumo, relação humano-natureza, são repaginados e ressignificados.

Cabe refletir sobre a ausência de entusiasmo ou de *presença* no cotidiano, que caracterizam a vida moderna, marcada pelo mecanicismo e esvaziamento das ações humanas e pelo afastamento sistemático da dimensão consciente e crítica, o que culmina em condições de vida alienantes promovidas pela dinâmica capitalista (Leontiev, 1984).

5. Desdobramentos

Das viagens à aldeia surgiram grandes amizades, inclusive com indígenas. Juntamente com ex-alunos, organizamos em 2016 (ano II das viagens), um projeto de extensão. Este cresceu a tal ponto, que foram realizadas outras viagens, sem conexão com o projeto e as disciplinas, para a aldeia Rio Silveiras, e ainda outras duas, a do Jaraguá (São Paulo) e Brilho do Sol (São Bernardo do Campo), alavancando recursos e mão de obra para os mutirões de bioconstrução, sistemas de saneamento ecológico e até uma escola completa na Aldeia Brilho do Sol.



Figura 7 - Momento da entrega da sala de aula concluída para a aldeia. Território Indígena Brilho do Sol, São Bernardo do Campo/SP/BR. 2020.



Figura 8 - Construção e barreamento de uma casa tradicional indígena. Território Indígena do Jaraguá, São Paulo/SP/BR. 2019.

No Território indígena do Rio Silveiras, a rede de contatos dos alunos conseguiu levar expedições de dentistas e médicos, oferecendo atendimentos e tratamentos de baixa e média complexidade para todos os integrantes do território; e inclusive construir aquela que é um das maiores *Opy* (casa de Reza) Guarani no Brasil, com capacidade para cerca de 250 pessoas.



Figura 9 - “Opy” (Casa de Reza) construída pela parceria do Projeto de Extensão “Aliança USP-Guaranis” e o Território Indígena do Rio Silveira, Bertioga, São Paulo/BR (abril de 2018).

Os recursos das vivências eram totalmente revertidos para as próprias aldeias. O projeto que atuou através do Ensino, Pesquisa e Extensão cresceu a tal ponto, que já não cabia na universidade, tornando-se a “Aliança Universidade e os Povos Indígenas” (AUPI), onde, através de um processo orgânico, iniciou-se o seu processo de desvinculação da USP em meados de 2018.

A metodologia das vivências se espalhou por outras aldeias, inclusive realizada por outras pessoas, que participaram das vivências, mas sem relação direta com a universidade. Neste caso, acreditamos que as comunidades são beneficiadas, pelos recursos trazidos às comunidades e pela possibilidade das próprias lideranças poderem expressar seus pontos de vistas e a sua realidade aos *juruaís*.

A chave para poder acessar as comunidades e obter o apoio das lideranças foi sempre o respeito, não apenas no trato e nas atividades conjunta, mas especialmente na *Opy*. O interesse pela cultura, língua e tradições guaranis também foi acolhido com grande alegria pelos mais velhos. As casas de rezas, geralmente fechadas aos *Juruás*, abriram-se cuidadosamente para as pessoas sensíveis e solidárias à causa indígena e que entravam com humildade nesses espaços.

Como resultados do trabalho, vimos casas de rezas cheias, pajés fortalecidos e jovens, outrora discriminados, agora orgulhosos pelo interesse em sua cultura.

Mesmo com a pandemia impedindo as vivências, a AUPI em conjunto com outros parceiros arrecadou e entregou (até agosto de 2020) nas aldeias em isolamento mais de 60 toneladas de alimentos, além de EPIs.

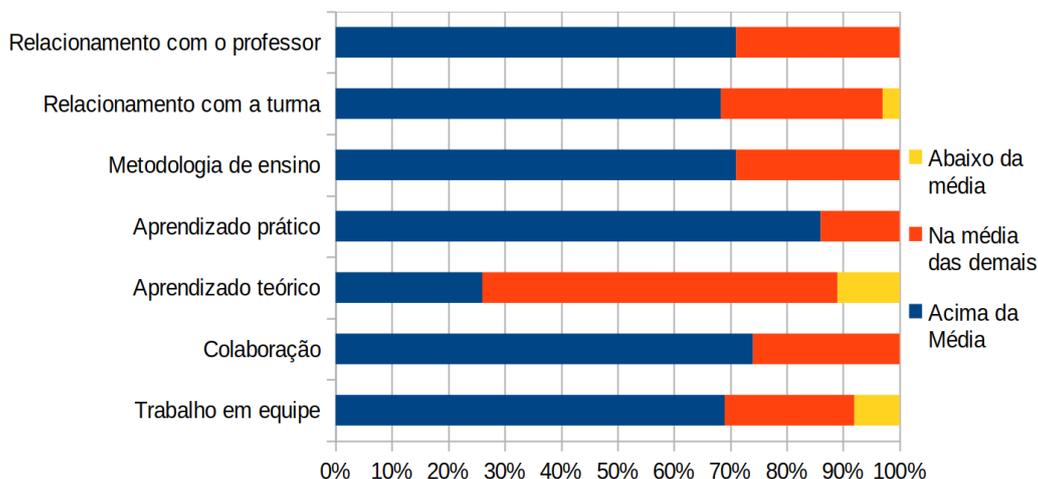
6. O que Pensa quem Participou: a avaliação das alunas e alunos

No final da disciplina SMD2, oferecida no segundo semestre de 2019, decidimos avaliar cuidadosamente o resultado de nossa metodologia. Aplicamos questionários nos alunos e alunas, além disso reunimos e analisamos seus depoimentos de forma sistemática.

Os resultados incluem dados quantitativos e qualitativos, dos quais apresentamos um breve resumo aqui. Quando perguntados sobre como avalia a importância da disciplina para sua formação profissional? 92% responderam ótimo e 2% bom, numa escala de 5 níveis. No que se refere à importância da disciplina para a formação pessoal, o resultado ainda é mais surpreendente: 97% de ótimo e 3% bom. Os destaques ficam para a vivência, experiências na *Opy*, facilidade de assimilação dos conteúdos, metodologia empregada, equilíbrio entre teoria e prática, didática utilizada, apoio obtido da equipe, relação com os colegas e professor, roda de conversa com os Kariris-Xocó e com os Fulni-ôs, além da visita ao Território Indígena do Jaraguá.

Quando pedimos para que comparasse a disciplina com as demais oferecidas na graduação (no caso tínhamos alunos predominantemente de Gestão de Políticas Públicas, Gestão Ambiental, em seguida Obstetrícia, Lazer e Turismo e outros cinco cursos) o resultado foi surpreendente. Conforme o Quadro 1, Para os discentes, a disciplina se mostrou muito superior às demais no que se refere à metodologia de ensino, aprendizado prático, trabalho em equipe, colaboração, relacionamento com a turma e relacionamento com o professor. No que se refere ao aprendizado teórico, mesmo sendo uma disciplina prática, ela foi avaliada como superior à média das oferecidas no curso de origem.

Quadro 1 - Comparação da disciplina com relação às demais oferecidas na graduação



Fonte: Elaboração própria a partir de 36 respostas do questionário de avaliação.

Quanto às respostas qualitativas, a qual juntamos relatos de vivências anteriores, documentadas no Portal Wikinativa (Wikipedia)⁵, os depoimentos falam por si, dando dimensão dos aspectos transformadores da proposta pedagógica.

"[Chamou a atenção] o fato de a disciplina trazer e nos levar aos indígenas para que eles falem de sua própria luta e vida, para além da teoria que vemos em sala de aula. Além disso ela buscou ir além do ensino tradicional e acadêmico, as diversas experiências que tivemos me trouxe um conhecimento de mim mesma." (anônimo).

"Destaco a metodologia de ensino através de vivências e palestras com membros do próprio público alvo da disciplina, bem como a sinergia de todos, alunos, professor e monitores, através da proximidade e da troca de afetos." (anônimo).

"Acredito que essa foi uma experiência acadêmica na qual acreditava que poderia alguma maneira realizar uma troca de conhecimento intensa, mas fui surpreendida pelos aprendizados e ensinamentos que conquistei, sem dúvida foi um dos maiores da minha vida." (G., aluna de Gestão de Políticas Públicas - GPP).

"Difícilmente conseguirei expressar o sentimento da relação com os moradores da aldeia, não se trata da relação com o "outro", mas sim da identificação e do sentimento de um "nós"." (F. B., aluno de GPP).

"Vi uma realidade com valores que admiro e almejo. Um ambiente sem estresse, sem mendigos, sem prisões, sem tanto consumo de fast food e lixos químicos na alimentação, sem dívida externa, sem dívida pública, sem contaminação ambiental, sem pobreza, sem bombas. O significado de riqueza para eles é diferente do nosso, o que eles tem de maior valor são sua cultura e suas matas. Diante dessa visão, essa jornada me permitiu enxergar que existem diferentes formas de se viver e de enxergar a vida, de valorizar as coisas, e que nem todas as minhas atuais prioridades são as mesmas que trarão felicidade ao meu espírito." (A. E., aluna de Gestão Ambiental).

"Oportunidade de entrar em uma aldeia e conviver por alguns dias, se demonstrou muito enriquecedora e revolucionária no que tange nossos enrijecimentos conceituais, ou melhor dizendo, nossos preconceitos. A viagem foi acompanhada do contato antecipado pelas sugestões de obras críticas e pós-estruturais acerca do relativismo cultural, multiculturalismo e como são operados os sistemas liberais e burocráticos sobre, e pela ótica, indígenas." (C.P., curso não identificado).

"Pude vivenciar um dos momentos mais marcantes da minha vida ao participar da cerimônia na casa de reza, local onde os índios realizam toda noite agradecimentos a Deus pelas ações conquistadas e a proteção do dia a dia. Neste local pode entender o quanto é importante respeitarmos o espaço e a cultura indígena. Temos a obrigação de defendê-los e principalmente agradecê-los pela proteção e cuidados com que eles possuem com a natureza." (I. T., aluno de GPP).

5 Ver <https://pt.wikiversity.org/wiki/Wikinativa>

"A imersão na Aldeia Rio Silveiras me proporcionou um aprendizado que não aprenderia dentro da sala de aula. [...] tudo que vivi foi muito maior do que imaginei." (J. C., aluna de GPP).

"Por fim, essa imersão mudou a minha vida e minha forma de ver o mundo, nós vivemos em um mundo capitalista e individualista, percebi o quanto falta coletividade, empatia e compaixão entre as pessoas. E espiritualmente voltei fortalecida, quebrei 'pré conceitos' e levo comigo uma frase que um amigo disse na casa de reza: 'na aldeia podemos ser felizes com os pés na terra e com a simplicidade' e isso me traz um significado imenso que perdemos há muito tempo, nós perdemos o afeto com as pessoas, cada dia que passa nos tornamos mais estranhos uns aos outros. Naqueles poucos dias que passei lá, restaurei minha fé na humanidade, de ajudar o próximo e que sim, conseguimos ser feliz com o simples, a materialidade externa não preenche o que nós humanos chamamos de amor." (L. M., aluna de GPP).

"A disciplina foi única e imprescindível para minha experiência ao final destes quatro anos de curso". (L. K., aluna de GPP).

Considerações Finais

Terminamos esse relato de experiência, afirmando que essa proposta pode ser replicada para qualquer Território Indígena e aldeia do Brasil. Sendo realizada com atenção, respeito e cuidado, constitui uma ferramenta poderosa que vai além da própria proposta de ensino aprendizagem, pois se revela, também, uma estratégia de transformação social. Nas vivências da AUPI, vão familiares, amigos e amigas de alunos. Para os não-indígenas, uma aula de história, onde aqueles que contam não são os colonizadores, mas sim os povos originários. Para os não-indígenas, a reconexão com a natureza e com os ancestrais, a revisão dos valores e o redescobrir da simplicidade e da paz.

Para os indígenas, a experiência e oportunidade vai muito além de levar aos não-indígenas a sua cultura e o seu modo de vida; trata-se de uma verdadeira forma de ser ouvido com respeito e fraternidade, de quebrar preconceitos, de expressar a resistência e de despertar a chama viva dos ancestrais em cada um de nós.

Através desse contato, pudemos perceber uma série de necessidades nessas aldeias, tais como melhorias nas formas como os conhecimentos tradicionais podem ser transmitidos de maneira mais estruturada aos não-índios, e a construção de diálogos e aproximações que apoiem os indígenas na defesa de seus direitos. Uma consequência objetiva disso foi a valorização do conhecimento tradicional, o aumento da autoestima entre os jovens indígenas e o incentivo para que possam melhor transmitir sua cultura, conhecimentos e saberes aos não-índios, rompendo com as narrativas eurocêntricas e com todo o preconceito derivado.

Referências Bibliográficas

- Altenhofen, Cleo V. (2004). Política lingüística, mitos e concepções lingüísticas em áreas bilíngües de imigrantes (alemães) no Sul do Brasil. *Revista Internacional de Linguística Iberoamericana*, 2(3), 83-93. Acessado em 12 de Maio de 2019, de: www.iberamericana.net/files/ejemplo_por.pdf
- Batista, Neiza., Atem, Lou., Gemelgo, Felipe., Gonçalves, Lucila., Nolasco, Ligia., & Rego, Renato. (2019). Escola Sem Partido e Ideologia de Gênero: reflexões sobre a educação e a luta pela construção de uma sociedade justa. *Revista Gestão & Políticas Públicas*, 9(1), 162-178. Acessado em 10 de Agosto de 2019, de: <https://www.revistas.usp.br/rgpp/article/view/147234>
- Caetano, Allan., Moraes, Erick., & Freire, Thamires. (2019). Educação Capitalista: um produto rentável na sociedade contemporânea. *Revista Gestão & Políticas Públicas*, 9(2), 217-234. Acessado em 10 de Agosto de 2019, de: <https://www.revistas.usp.br/rgpp/article/view/145926>
- Lwontiev, Alexei. (1970). O homem e a cultura. Em *O desenvolvimento do psiquismo*. (pp. 277-302). São Paulo: Moraes.
- Machado, Jorge. (2012). Reflexões sobre o Tempo Social. *Revista Kairós*, 15(6), 11-22. Acessado em 27 de maio de 2019, de: <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/download/17284/12822>
- Machado, Jorge. (2016). Globalización, Reforma del Estado y Transformaciones Laborales: Reflexiones acerca del Futuro del Trabajo. *Revista Gestão & Políticas Públicas*, 6(2), 146-162. . Acessado em 27 de maio de 2019, de: <https://www.revistas.usp.br/rgpp/article/view/142321>
- Machado, Jorge., & Ferreira, Carlos. (2016). (Organizadores). *Resistência Guarani: Uma Vivência na Aldeia Rio Silveiras*. Tendenz: São Paulo. Acessado em 27 de maio de 2019, de: http://each.uspnet.usp.br/machado/docs/RESISTENCIA_GUARANI-v4.pdf
- Machado, Jorge., & Nascimento, Breno William. (2018). América Latina: entre a descolonização e o reencantamento. *Revista Gestão & Políticas Públicas*, 8(2), 205-214. Acessado em 27 de maio de 2019, de: <https://www.revistas.usp.br/rgpp/article/view/174715>
- Mello-Théry, Neli Ap. de. (2018). A Segurança Alimentar Via Sistemas Alimentares Circulares e as Controvérsias da Transição para os ODS. *Revista Gestão & Políticas Públicas*, 8(2), 215-225. Acessado em 12 de Maio de 2019, de: <https://www.revistas.usp.br/rgpp/article/view/175056>
- Mello-Théry, Neli Ap. de. (2011). Meio ambiente, globalização e políticas públicas. *Revista Gestão & Políticas Públicas*, 1(1). Acessado em 12 de Maio de 2019, de: <https://www.revistas.usp.br/rgpp/article/view/97828>
- Rose, Isabel. (2010). *Tata Endy Rekoé – Fogo Sagrado: Encontros entre os Guaranis, a Ayahuasca e o Caminho Vermelho*. Tese (Doutorado). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. Acessado em 12 de Maio de 2019, de: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/94689>
- Santos, Boaventura. (1996). A queda do Angelus Novus: Para além da equação moderna entre raízes e opções. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 45, 5-33. Acessado em 12 de Maio de 2019, de: http://www.boaventuradesousasantos.pt/media/pdfs/A_queda_do_Angelus_Novus_RCCS45.PDF

- Silva, Alessandro Soares da. (2018). A Ação Pública: um outro olhar sobre Estado, Sociedade e Políticas Públicas. *Revista Gestão & Políticas Públicas*, 8(1), 194-204. Acessado em 12 de Maio de 2019, de: <https://www.revistas.usp.br/rgpp/article/view/175154>
- Stengers, Isabelle. (2018). A proposição cosmopolítica. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, 69, 442-464. Acessado em 12 de Maio de 2019, de: <https://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/145663>
- Vygotsky, Lev. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes. Acessado em 12 de Maio de 2019, de: <https://cristianopalharini.files.wordpress.com/2011/04/vygotsky-a-formac3a7c3a3o-social-da-mente.doc>

Recebido em 17/01/2020.
Revisado em 30/07/20.
Aceito 18/09/2020.